

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 2 Maio – Agosto 2021

ARTIGO

SABERES E PESQUEIROS: REFLEXÕES SOBRE CONHECIMENTO E TERRITÓRIO NA PESCA TRADICIONAL DO SUL DO BRASIL

Gustavo Peretti Wagner*, Lucas Antonio da Silva**

RESUMO

O presente artigo propõe uma discussão sobre conhecimento e território como práticas de engajamento centrais para o desenvolvimento da pesca. A partir da literatura socioantropológica, antropológica e arqueológica buscamos entender a relação entre os saberes e os lugares, destacando as experiências de navegação, mestrança e marcação como o modo de construção dos territórios em paisagens vivenciadas e significadas. Trata-se, então, de um percurso teórico sobre essas categorias. Encerramos nossa reflexão propondo que pescadores possam ser entendidos através da relação constante e dialética entre conhecimento e território, e que essa articulação se manifesta no mover-se, mais especificamente por meio da navegação.

Palavras-chave: pesca; conhecimento; território; navegação.

*Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt, Instituto de Ciências Humanas – ICH, Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: gustavo.peretti.wagner@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0002-557X>

**Doutor em Arqueologia. Museu Nacional – UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História – PUCRS. E-mail: las.arqueo@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7818-2973>

DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v34i2.724>

KNOWLEDGE AND FISHING SPOTS: REFLECTIONS ON KNOWLEDGE AND TERRITORY IN TRADITIONAL FISHING IN SOUTHERN BRAZIL

ABSTRACT

The present paper offers a discussion of knowledge and territory as central engagement practices for the development of fisheries. Based on the socioanthropological, anthropological and archaeological literature, we seek to understand the relationship between knowledge and places, highlighting how navigation experience, crossbreeding and marking as the way of building territories in lived and signified landscapes. It is, then, a theoretical path about these categories. We ended our reflection by proposing that fishermen can be understood through the constant and dialectical relationship between knowledge and territory, and that this articulation is manifested in movement, more specifically through navigation.

Keywords: fishing; knowledge; territory; seafaring.

CONOCIMIENTO Y PESCA: REFLEXIONES SOBRE CONOCIMIENTO Y TERRITORIO EN LA PESCA TRADICIONAL DEL SUR DE BRASIL

RESUMEN

En este ensayo pretendo abordar los enfoques recientes de la Arqueología Amazónica, trayendo su acercamiento a aspectos de la Ecología Histórica y las prácticas arqueológicas comprometidas con diversos colectivos, así como la tendencia a estrechar lazos con la Etnología y la Antropología contemporáneas. Procuro mi experiencia personal y de investigación para justificar el desarrollo de algunas de mis reflexiones sobre la centralidad de las marcas humanas en los paisajes y nuestra preocupación arqueológica por demostrar el impacto antrópico en el bosque. Intento calibrar estas nociones, con las formas de relación ribereña, indígena y tradicional con el mundo.

Palabras-clave: pesca; conocimiento; territorio; navegación.

INTRODUÇÃO

Wagner e Silva (2014) propuseram a compreensão das sociedades sambaquieiras do Brasil Meridional enquanto sociedades pescadoras, analisadas sob a ótica da sócio-anthropologia da pesca¹, proposta por Diegues (1973, 1997, 1999, 2000, 2004), reunindo os trabalhos de Mourão (2003 [1971]) e Maldonado (1994, 2000).

O presente trabalho busca exatamente detalhar dois elementos ordenadores na construção do *ethos* pescador que se define nas práticas cotidianas, tão estruturantes para as sociedades costeiras: território e conhecimento tradicional. Partindo da literatura, fica clara a complementaridade das noções de conhecimento e território: “conhecimento é território e território é conhecimento”. Trata-se, então, de um percurso teórico sobre estas categorias.

É necessário destacar que ambos os elementos são conceitos que permeiam diversos campos de conhecimento das ciências sociais, e as leituras aqui ampliam a base conceitual para além da sócio-anthropologia da pesca. Partindo deles, buscamos a caracterização destes elementos nas sociedades pesqueiras costeiras e, dialeticamente, a compreensão das sociedades indígenas que ocuparam a costa meridional brasileira enquanto pesqueiras e estruturadas através daquelas categorias teóricas.

O mundo da pesca se dá dentro d’água. Não que estejamos desconsiderando as práticas e saberes construídos em terra, mas é no domínio deste outro elemento, inóspito e imprevisível, em que se dá a construção de um sistema econômico e social extremamente dependente dos conhecimentos hereditários. A mestrança, as estratégias de pesca, a marcação dos pesqueiros, a navegação, o diagnóstico do tempo, os comportamentos dos cardumes, as habilidades de navegação, identificação das profundidades das águas, ou seja, de uma série de saberes constituídos historicamente e consolidados diuturnamente nas práticas e relações sociais localmente. São saberes locais, no sentido dado por Geertz (1997)². Os rios, lagos, estuários e “mar raso” são ambientes vivenciados onde as sociedades indígenas pesqueiras têm construído paisagens eminentemente antropizadas há milênios (WAGNER; SILVA, 2014, 2020; WAGNER; SILVA; HILBERT, 2020).

CONHECIMENTO TRADICIONAL: OS SABERES LOCAIS TRADUZIDOS NAS PRÁTICAS DE PESCA E NAVEGAÇÃO

“The small harbour of Wainfleet (53°06' N, 0°19' E) lies 5 cables west of Gibraltar point and is formed by the outlet of the River Steeping into Wainfleet Swatchway. The approach channel, wich is liable to change, is entered about 8 cables SSE of Gibraltar point and is marked by perches. Craft drawing 1.5m can enter 2 hours either side of HW. An overhead

¹ Já na década de 1990 as enormes acumulações de valvas de moluscos passaram a ser questionadas como a base da dieta dos sambaquieiros. Figuti (1993) demonstrou que a massa proteica advinda dos peixes identificados no registro arqueológico representava maior volume na alimentação do que a massa advinda dos moluscos, cujos vestígios possuem maior potencial de preservação do que ossos e cartilagens residuais do pescado. Não restaram dúvidas quanto à importância da pesca na subsistência sambaquieira e os caçadores coletores, ou coletores especializados com apoio na caça, passaram a ser vistos eminentemente como pescadores.

² O saber local proposto por Geertz (1997) possui acepção de conhecimento local, contextualizado em seu sentido regional. Serve para exprimir qualquer categoria de conhecimento, desde que seja posto de forma relativa localizada, sempre sob a égide da corrente teórica que o autor denomina Antropologia Interpretativa.

power cable with vertical clearance of 11 m spans the river 3 cables inside the entrance. Local knowledge is required". (STURT, 2006)

Com esta mesma epígrafe, Sturt (2006) introduz a importância do conhecimento local para a navegação na costa leste da Inglaterra e demonstra que o conhecimento dos acidentes geográficos emersos e submersos são necessários não apenas à navegação, mas ao domínio dos territórios.

Esta mesma lógica nos orienta a destacar aqui a máxima já expressa nas páginas anteriores: "conhecimento é território e território é conhecimento". Trata-se de uma abordagem onde o conhecimento sobre as geografias locais, meteorologia e fauna, são "petrechos" (para usarmos um termo náutico sinónimo a instrumentos) tanto para a apropriação do território, quanto para sua significação.

Um conjunto de conceitos imbricam-se no sentido dado por Ingold (2015). Os conceitos de mestrança (cf. CÂMARA-CASCUDO, 2002[1954]; FORMAN, 1970; MALDONADO, 1993; DIEGUES, 2000, 2004), da marcação (cf. VERÍSSIMO, 1970[1895]; CÂMARA-CASCUDO 2002[1954]; FORMAN, 1970; KANT DE LIMA 1997[1978]; DIEGUES, 2000; MALDONADO, 1994, 2000; BEGOSSI, 2004), território de pesca (cf. MOURÃO, 2003[1971]; KANT DE LIMA, 1997[1978]; DUARTE, 1999[1978]; DIEGUES, 2004; ADOMILLI, 2002, 2007; BEGOSSI, 2004) e conhecimento tradicional entrelaçam-se ao ponto de perdermos as noções de gênese ou origem. São práticas sociais estruturantes das sociedades pesqueiras.

Partindo da ideia de que pescadores do litoral possuem uma cultura voltada para a exploração desse ambiente específico, aqui sugerimos que o modo de vida das comunidades indígenas costeiras do passado esteve atrelado ao ambiente físico das águas, caracterizado por mudanças sazonais, alterações bruscas de tempo e invisibilidade dos recursos. As águas a que aqui nos referimos são as águas interiores, lagos, estuários, lagoas, rios: "dentro das barras". "Fora das barras" as sociedades ou populações costeiras exploram o "mar raso". Estes pescadores possuem uma economia fortemente apoiada na exploração dos recursos de terra³. Os recursos naturais renováveis retirados das águas são inconstantes, invisíveis (embora previsíveis) e obedecem aos padrões biológicos de cada espécie.

A invisibilidade dos cardumes não significa, necessariamente, imprevisibilidade dos recursos, ao menos em águas abrigadas. Begossi (2004, p. 243-244), por exemplo argumenta que a produtividade dos ambientes mangue-estuarinos garante longevidade dos recursos e demonstra a constância na exploração de pesqueiros em Valença, na Bahia, por mais de 30 anos. Kant de Lima (1997[1978]) destaca que determinadas pescarias, como a da tainha de Itaipú, por exemplo, são marcadas justamente pela garantia de sucesso das "companhas", dada a previsibilidade. Forman (1970) sugere, inclusive, que uma das funções do sistema de marcação é a exploração das espécies mais sedentárias, circunscritas à vida no entorno dos arrecifes e lajes de fundo, justificando o esforço na

³ Para além disso, os períodos de exclusão legal dos territórios de pesca, tais como as piracemas e os defesos, reforçaram as práticas de complementação econômica nos recursos de terra, práticas essas que já acompanham os pescadores tradicionais há tanto tempo que já perdemos suas origens na pré-história. Durante este período é comum, no caso dos pescadores costeiros do Rio Grande do Sul, a complementação da renda com atividades temporárias nas cidades próximas. A construção civil, jardinagem e serviços gerais são os empregos mais comuns durante o defeso (SILVA, 2015).

construção e manutenção do conhecimento das “marcas de pesca”, elemento de prestígio dos mestres.

Mussolini (1945, 1946, 1953), Mourão (2003 [1971]), Duarte (1999[1978]), Maldonado (1994, 2000), Diegues (1997, 2004), Adomilli (2007) já deixaram clara a distinção entre as ideologias de pesca e os *ethos* dos pescadores tradicionais costeiros e embarcados. Há aqueles pescadores cuja subsistência está relacionada às águas profundas, cuja interação com o mar se dá prioritariamente em mar aberto, na pesca de dormida onde passam-se dias (até meses) sem retornar a terra. Mourão (2003 [1971]) atribui a esse tipo um elemento identitário exclusivo: a “ideologia de pesca”. É necessário ressaltar que essa pesca apenas foi possível através da mecanização das embarcações apenas na segunda metade do século XX, período a que Duarte (1999[1978]) atribui o “maquinismo no mar”, marcado pela completa reestruturação das relações com o trabalho e a produção. Surge então uma distinção clara entre pesca mercantilizada e pesca tradicional. Estes pescadores são marcados pela incerteza, pelo risco, suscetíveis à meteorologia e força indominável do mar de fora. A morte e os naufrágios são temas presentes nas cosmologias e nos ritos de ingresso no mar. O risco e a impetuosidade do mar alto contrastam com a calma e passividade da vida nas águas interiores.

Câmara-Cascudo (2002[1954]) descreve com riqueza e vivacidade uma pesca que parece ter ficado na transição entre os dois tipos apresentados acima: a pesca “de dormida” ou “de sereno” dos jangadeiros do Nordeste brasileiro. Lá o atrelamento da vela latina às pirogas indígenas deu origem a uma navegação que permitiu a exploração e domínio do mar de fora antes da mecanização. As iconografias seissentistas de Marcgrave documentam a pesca de dormida dos jangadeiros milhas mar adentro, depois dos barrancos⁴. Veríssimo (1970[1895]) também documenta a pesca de dormida no século XIX, mas no litoral amazônico do Salgado, onde as “vigilengas de poço” armadas em dois mastros com velas latinas ou “asa de morcego” levavam as famílias inteiras para as pescas da tainha e guriuba, semanas mar adentro.

Os territórios de terra e água são mantidos socialmente e sujeitos a disputas e tensões. São delimitados tanto por acidentes geográficos de terra, como por ilhas, lages, arrecifes, pedras em fundo de mar: marcações. A principal função da marcação é, sem dúvida, possibilitar visitação periódica dos melhores pesqueiros. Estes são mantidos em segredo pelos mestres de navegação, de quem verdadeiramente depende o sucesso das campanhas. Desta forma, a marcação tanto delimita espaços quanto orienta a pesca e a navegação.

“O jangadeiro viaja atento às referências do litoral. É uma navegação observada pela marcação de pontos de costa. Podia-se mesmo dizer que é estimada porque a posição é determinada em função do rumo e do caminho andado. Não há bússola nem odômetro. O essencial é a memória para guardar com exatidão as posições nítidas do *caminho* e do *assento*. O *caminho* corresponderá à latitude, norte e sul, e o *assento* será a longitude, leste e oeste. Todos os pesqueiros conhecidos e todas as Pedras Marcadas mais ou menos sabidas de muitos ou de raros pescadores têm *caminho* e *assento*, únicos para a localização.” (CÂMARA-CASCUDO, 2002[1954], p. 13).

⁴ Os barrancos são os declives acentuados que marcam a topografia de fundo, batimetria, no declive da plataforma continental. O barranco é a quebra da isóbata dos 50m de profundidade para a isóbata de 100m. Lá a pesca é extremamente rica e os pescadores as tem como pesqueiros, marcações ou pedras marcadas.

A marcação dos pesqueiros e/ou as pedras marcadas constituem os marcos do território de água e permitem a compreensão de uma noção do espaço socializado, intrínseco às sociedades pescadoras: identitário. O território na pesca é produção, significação e sociabilidade.

A noção de que a pesca se dá em um território conhecido e significado levou Begossi (2004) a sugerir que este seja o conceito chave para a compreensão das sociedades pescadoras, estabelecendo uma escala tripartite onde “áreas de pesca” são a escala macro utilizadas comunitariamente e, os “pontos de pesca”, são as microáreas onde se realizam as pescas. Os “pesqueiros” são os pontos de pesca marcados pelos conflitos e disputas, conferindo a esta última categoria o sentido oriundo da Ecologia Humana. Duarte (1999[1978]), Diegues (1997, 2004) e Adomilli (2002) argumentam que a noção de identidade pescadora se dá, justamente, nas disputas por territórios.

A pesca de marcação, “de pedras marcadas” ou “marcas de pesca”, é difundida por todo o litoral brasileiro desde a costa amazônica, onde os pesqueiros são conhecidos por “viveiros” (cf. VERÍSSIMO, 1970[1895]), passando pelo Nordeste (com destaque para os trabalhos clássicos de CÂMARA-CASCUDO, 2002[1954], KOTTAK, 1966 e FORMAN, 1970), pela região Sudeste (MOURÃO, 2003[1971]; DIEGUES, 2000; MALDONADO, 1993, 2000; BEGOSSI, 2004) até o Sul do Brasil (SILVA, 2012, 2015).

Independentemente do tipo de pesca (se mecanizada ou tradicional, se marítima ou interior, costeira), o domínio exploratório sobre a complexidade das águas e imprevisibilidade das condições, exige conhecimento profundo da navegação, das movimentações de massas de ar, dos hábitos da fauna, das mudanças climáticas e, principalmente, das diversas técnicas específicas que, em última análise, são responsáveis pela efetividade da prática da pesca. Todo esse “saber fazer” se denomina mestrança, que engloba as práticas cognitivas, culturais e as habilidades que garantem a sobrevivência de um modo de vida altamente especializado.

O mestre é a figura central que reúne a capacidade de guiar a embarcação, reconhecendo e orientando-a a partir dos pontos de terra e, através do “caminho” e do “assento”, levar a todos para o pesqueiro. É necessária igualmente a habilidade de orientar-se pelo traçado das estrelas que “navegam no céu” na medida em que a noite passa. As pescas “de dormida” ou “de sereno” dependem destes conhecimentos. Do mestre depende também a escolha dos pesqueiros a se visitar a cada dia. Neste repertório, deposita-se o sucesso da pesca e prestígio do mestre (MALDONADO, 1994; DIEGUES, 2000).

É necessário destacar que a pesca é uma habilidade repassada através da reprodução da experiência, da observação aos mais velhos e, principalmente, através da oralidade nos ambientes de sociabilidade. Neste sentido, o papel desempenhado pelo mestre, enquanto condutor da embarcação e da própria pescaria, assume posição de destaque na mestrança, pois ele é o personagem que detém a experiência necessária para a superação eficaz dos desafios que as instáveis águas das lagoas, estuários ou mar encerram. Da mesma forma, é dele a responsabilidade de repassar aos mais jovens a mestrança necessária para o sucesso da pesca, perpetuado nas práticas cotidianas. Maldonado (2000) sugere que o conhecimento tradicional marítimo é produzido e acumulado culturalmente através da prática profissional, sendo continuamente recriado de acordo com a especificidade do ambiente que se apresenta como cíclico, móvel e, em certa medida, imprevisível. Diegues (2004) ratifica que o conhecimento tradicional se traduz na apropriação do espaço que é, simultaneamente, um ato cultural e produtivo.

MOVER-SE NA PAISAGEM, CONSTRUIR UM TERRITÓRIO

Territórios são lugares conhecidos, nomeados, usados e defendidos. Cada grupo concebe seu território de modo distinto, sobretudo porque a construção deste se dá por intermédio de habilidades e práticas sociais engajadas no mundo (MALDONADO, 2000; INGOLD, 2000, 2013, 2015). Portanto, estes lugares de subsistência e sociabilidade são delimitados para a manutenção do modo de vida pescador. Em linhas gerais, o que se propõe é que, em se tratando de sociedades pescadoras, território é conhecimento (DIEGUES, 2004; MALDONADO, 2000), tal como referido anteriormente.

Maldonado (1994, 2004) destaca que a condição de patrimônio compartilhado do mar, ou águas interiores, implica na sua indivisibilidade e ausência de apropriação formal e contínua sobre o meio. Contudo, para fins produtivos, os pescadores dividem os ambientes aquáticos em áreas de pesca, pesqueiros ou pedras, as quais são marcadas mentalmente e, em muitos casos, são mantidas em segredo pelo pescador (FORMAN, 1970). A marcação dos pesqueiros tende a se dar com auxílio de fatores externos, como o alinhamento da embarcação com uma montanha ou ilha (marcadores naturais) ou através de fatores internos, como as pedras no fundo d'água ou boias artificiais. Forman (1970) destaca que essa triangulação visual entre o pesqueiro e os marcadores fixos na paisagem é uma das práticas fundamentais da marcação. Para realizar essa triangulação, o pescador deve utilizar uma série de conhecimentos, tais como, a própria visão, os lugares propícios à marcação e um senso corpóreo de direção e equilíbrio para conduzir a embarcação.

A marcação caracteriza-se como uma prática social e produtiva, sendo essa dividida em dois níveis distintos. O primeiro deles é a técnica, que se caracteriza pela navegação e pela escolha de um lugar, pois esses elementos são fundamentais para um bom resultado nas pescarias. O segundo é o nível simbólico, sendo este caracterizado pela construção social da mestrança, ligando-se, portanto, a processos hierárquicos e morais. Ambos os níveis, tanto ação prática quanto simbólica, fazem parte no modo de vida pescador (MALDONADO, 1994) e são indissociáveis.

Considerada elemento universal e fundamental do modo de vida pescador, a marcação atua na construção e manutenção do território. Sendo assim, cada grupo constrói seu território de um modo diferente, pois as características do meio ambiente explorado, juntamente com os ensinamentos passados de geração para geração, são fatores que influenciam a marcação. Além disso, as diferentes estratégias materiais de pesca conduzem a modos distintos de manutenção do território. Um fator de dificuldade para a marcação é a indivisibilidade do meio aquático. A água, em estado líquido, não permite o estabelecimento de fronteiras e divisões fixas, tal como uma cerca ou muro. Ao contrário, por se tratar de uma superfície fluida, todo esforço de marcação sólida por algum material não será eficiente (SILVA, 2019). Uma boia pode marcar um bom pesqueiro, mas o vento e as correntes presentes na água podem movê-la e retirar do lugar a marcação. Portanto, a água é uma superfície que possui uma materialidade distinta, sua fluidez age sobre os pescadores e seus materiais, impedindo territórios precisos e bem delimitados. Precisamente por isto que se faz tão importante à triangulação com pontos terrestres, já que a água não proporciona uma marcação sólida para o pescador (FORMAN, 1970).

Constituir um território, por meio de práticas de marcação e conhecimento, significa mover-se ao longo dele. A noção de paisagem proposta por Bender (2001) e Ingold (2015), como lugares formados pela experiência humana em movimento conduz, neste caso, para a ideia de que o território é uma paisagem pela qual mover-se significa apropriar-se e relacionar-se por meio de memórias, histórias e experiências práticas. Nesse sentido, tal como afirma Bender (2001) e David e Thomas (2008), movimentar-se

ao longo da paisagem conduz a conhecimentos sobre ela. Perceber um lugar de pesca, marcá-lo e apropriar-se dele é um modo de conhecer e, portanto, de formar um território de pesca. Berkes (2003) afirma que o conhecimento ecológico tradicional opera através da experiência, de uma relação “aprender-fazendo” que marca o modo de vida do pescador. O autor entende os pescadores como *ecosystem-dwellers* (BERKES, 2003), reafirmando a importante correlação do conhecimento e do território em um caráter local.

Mover-se para os pescadores é, na grande maioria dos casos, navegar. A navegação é uma prática de pesca que demanda o conhecimento dos “caminhos d’água”, isto é, os fenômenos que incidem sobre sua superfície e aquilo que subjaz abaixo dela. O tempo atmosférico é o principal desafio da superfície e, dentre os fenômenos de maior influência está o vento. Em sua fluidez, a água é moldada conforme a intensidade e direção dele. Conhecer as correntes e o modo de navegar por elas garante a segurança da pescaria, bem como o sucesso dela. Por exemplo, ao se deslocar com um vento contrário ao rumo desejado, o pescador sempre posiciona a embarcação de frente, encarando o vento de frente (SILVA, 2015). Segundo os pescadores (SILVA, 2012, 2015), isso mantém a estabilidade da embarcação, evitando o impacto das ondas na lateral. Portanto, conhecer o tempo atmosférico garante ao pescador um deslocamento seguro e, ao mesmo tempo, saber das possibilidades de pesca em determinado lugar do território.

Os fenômenos que estão abaixo da superfície⁵ incidem da mesma forma, pois ao pescador é necessário conhecer, além da profundidade do local, a presença de obstáculos ou não ao longo do caminho. No caso das lagoas costeiras do Rio Grande do Sul é comum encontrar “coroas” – bancos de areia submersos – e partes mais baixas, tal como as “bocas de barra”. Esses locais são desembocaduras de canais ou rios nas lagoas, é comum que sejam mais rasos, apenas com curtos canais com mais profundidade. O pescador costuma dominar os fluxos d’água, descobrindo estes canais e aproveitando-os para navegar.

Em linhas gerais, marcar pesqueiros, conhecer lugares, dominar a prática da navegação, conhecer os diferentes fenômenos da água e mover-se na paisagem constituem práticas de engajamento no mundo (INGOLD, 2000, 2015). A experiência dos pescadores ao longo de seu território constitui parte fundamental da pesca. Mais do que apenas uma possibilidade de subsistência, esta experiência se fundamenta na vida relacionada aos fluxos das águas, de sua fluidez sempre passível de mudança, sempre aberta aos demais fenômenos materiais que compõem o mundo (INGOLD, 2015; SAUTCHUCK & SAUTCHUCK, 2014; SAUTCHUK, 2015). Com isso, quando se movimenta através das águas, seja navegando e/ou marcando pesqueiros, o pescador constitui uma relação imbricada entre seu território e seu conhecimento. Ao nomear pesqueiros e denotar importância a estes lugares, o pescador utiliza de todas as suas experiências conduzidas até o momento, seja nas próprias práticas de pesca no local ou através das histórias antigas sobre o lugar. O que sugerimos aqui é que o ponto de conexão entre território e conhecimento, é a experiência (SAUTCHUK, 2015), seja ela prática ou conhecida através de outros pescadores. Estar na água, seja navegando ou marcando, configura-se em uma experiência central para a articulação do lugar com o saber, do território com o conhecimento.

⁵ A água esconde muitas coisas – obstáculos, peixes, vegetação etc. – e, além disso, o seu fundo pode indicar possibilidades distintas de pesca. Por exemplo, os pescadores costumam dizer que tem peixes que preferem fundos lodosos, ou nas palavras deles “no mole”, da mesma forma os fundos d’água “duros” podem ser mais frutíferos para outros peixes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já referimos, a longa tradição de estudos sobre pescadores no Brasil, especialmente a partir da década de 1940, gradualmente construiu um paradigma de compreensão da relação dialética entre território e conhecimento.

Nesta relação, aglomeram-se outros conceitos importantes para a compreensão das sociedades pescadoras, tais como a mestrança e a marcação. A partir dessa caracterização conceitual, nosso objetivo foi evidenciar essa importante contribuição história da produção socioantropológica e, ao mesmo tempo, traçar alguns pontos de conexão com a Arqueologia⁶, mais especificamente discutindo como ato de movimentar-se na paisagem constitui uma prática de pesca importante na construção e manutenção do território.

A partir da navegação e do engajamento prático nas atividades aquáticas, o pescador conhece seu lugar, constitui relações de conhecimento e conta histórias sobre pescarias e outros fenômenos observados. Retomando a importante contribuição de Duarte (1999), a identidade do pescador se constitui por uma tensão entre a água e a terra. Entretanto, prevalece como lugar central o ambiente aquático, pois este se configura em uma elaboração ideológica de “diferença” (DUARTE, 1999) – na oposição com a vida na terra. Isto é, na água o pescador constitui inúmeros agenciamentos distintos, tais como, o deslocamento com embarcações, a imprevisibilidade da atmosfera e da superfície da água, a particularidade do comportamento dos peixes e as técnicas de captura. São estes agenciamentos, em especial o deslocamento pelos corpos d’água, que constituem um campo semântico comum a todos os pescadores (DUARTE, 1999) e, portanto, se configuram em um eixo central no estudo das sociedades pescadoras.

Com isso, encerramos nossa reflexão propondo que pescadores possam ser entendidos através da relação constante e dialética entre conhecimento e território, e que essa articulação se manifesta no mover-se, mais especificamente por meio da navegação. Como já destacado, nos cabe enquanto arqueólogos seguir os pescadores em suas manifestações materiais e, portanto, o que buscamos evidenciar aqui foi exatamente a materialidade do conhecimento, do território e da navegação enquanto um campo semântico comum às sociedades pescadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOMILLI, Gianpaolo K. *Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe* – RS. 2002, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- ADOMILLI, Gianpaolo K. *Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte* – RS. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

⁶ Há uma importante tradição de pesquisas na arqueologia brasileira sobre a pesca pré-colonial, especialmente sobre a organização social e identidade dos grupos na costa sul-brasileira (DE MASI, 1999; FIGUTI, 1993; FRANCO, 1998; GASPAS, 1991; GASPAS *et al*, 2008; LOPES *et al*, 2016; KNEIP *et al*, 2018; LIMA e MAZZ, 1999) que demonstra a relevância da Arqueologia para o estudo das sociedades pescadoras.

- BEGOSSI, Alpina. (org). *Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: NUPAUB-USP/HUCITEC/FAPESP/NEPAM-UNICAMP. 322 p. 2004.
- BENDER, Barbara. Landscapes on the move. *Journal of Social Archaeology*, London, v.1, n. 75, p.75-89, jun. 2001.
- BERKES, Fikret. Alternatives to conventional management: lessons from small-scale fisheries. *Environments*. v. 31, n. 1, p. 5-19, 2003.
- CÂMARA-CASCUDO, Luís da. *Jangada: uma pesquisa etnográfica*. São Paulo: Global editora, 2002 [1954].
- DAVID, Bruno; THOMAS, Julian. Landscape Archaeology: introduction. In: _____. *Handbook of landscape archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press. p. 27-43. 2008.
- DE MASI, Marco Aurélio. *Prehistoric Hunter-gatherers Mobility in the Southern Brazilian Coast*. Santa Catarina Island. 1999. Tese (Doutorado em Antropologia). San Francisco, Stanford University, 1999.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *A Pesca no Litoral Sul de São Paulo*. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- DIEGUES, Antônio Carlos. Tradition and change in brazilian fishing communities: towards a social anthropology of the sea. In: DIEGUES, A. (Org). *Tradition and social change in the coastal communities of Brazil*. São Paulo, NUPAUB. p. 1-24. 1997.
- DIEGUES, Antônio Carlos. (Org.) *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 2000.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *A Pesca Construindo Sociedades*. São Paulo: NUPAB – USP, 2004.
- FIGUTI, Levy. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaquis: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquianos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, n. 3, p. 67-80, 1993.
- FORMAN, Shepard. *The Raft Fishermen: Tradition and Change in the Brazilian Peasant Economy*. Bloomington: Indiana University Press, 1970.
- FRANCO, Teresa. Prehistoric fishing activity in Brazil: a summary. In: Plew, M. (ed.) *Explorations in American archeology: essays in honor of Wesley R. Hurt*. United States of America: University Press of America. p. 7-36, 1998.
- GASPAR, Maria Dulce. *Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do rio Paraíba do Sul, RJ*. 1991. 2v. Tese (Doutorado em Arqueologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991.

- GASPAR, Maria Dulce; DEBLASIS, Paulo; FISH, Suzanne; FISH, Paul. Sambaqui (Shell Mound) Societies of Coastal Brazil. In: SILVERMAN, H.; ISBEL, W.I. (Org.). *Handbook of South América Archaeology*. 1ed. Lisboa: Springer, p. 319-335, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2000.
- INGOLD, Tim. Los materiales contra la materialidade. *Papeles de trabajo*, Buenos Aires, v.7, n. 11, p.19-39, mayo de 2013.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- KNEIP, Andreas; FARIAS, Deisi; DEBLASIS, Paulo. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaquieira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Impresso, v. 31, p. 25-51, 2018.
- KOTTAK, Conrad. *The structure of equality in brazilian fishing community*. Columbia: University Press, 1966.
- LIMA, Roberto. *Pescadores de Itaipu: a pescaria da tainha e a produção ritual da identidade social*. Museu Nacional, Rio de Janeiro. 1997[1978].
- LIMA, Tania A.; LOPEZ MAZZ, José. M. La emergencia de complejidad entre los cazadores recolectores de la costa atlántica meridional sudamericana. *Revista de Arqueologia Americana*, México, IPGH, v. 17, 18, y 19, p. 129-175, 1999.
- LOPES, M.; BERTUCCI, T.; RAPAGNÃ, L.; TUBINO, R.; MONTEIRO-NETO, C.; TOMAS, A.; TENÓRIO, M. C.; LIMA, T.; SOUZA, R.; CARRILLO-BRICEÑO, J.; HAIMOVICI, M.; MACARIO, K.; CARVALHO, C.; SOCORRO, O. The Path towards Endangered Species: Prehistoric Fisheries in Southeastern Brazil. *PLoS ONE*, v.11, n. 6, p. 1-36, 2016.
- MALDONADO, Simone. *Mestres e Mares, espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume, 2º edição, 1994.
- MALDONADO, Simone. O caminho das pedras: percepção e utilização do espaço marinho na pesca simples. In: DIEGUES, A. C (org). *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, p. 59-68, 2000.
- MOURÃO, Fernando. *Pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 2003[1971].
- MUSSOLINI, Gioconda. O Cêrco da Tainha na Ilha de São Sebastião. *Sociologia: revista didática e científica*, v. 7, n. 3, p. 135-147p., 1945.

- MUSSOLINI, Gioconda. O Cêrco Flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve na Ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil. *Sociologia: revista didática e científica*, v. 8, n. 3, p. 172-183, 1946.
- MUSSOLINI, Gioconda. Aspectos da Cultura e da Vida Social no Litoral Brasileiro. *Revista de Antropologia*, v. 1, n. 2., p. 81-97, 1953.
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Aprendizagem como gênese: prática, skill e individuação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 109-139, jul./dez. 2015.
- SAUTCHUK, C; SAUTCHUK, João Miguel M. Enfrentando poetas, perseguindo peixes: Sobre etnografias e engajamentos. *Mana*, v. 20, n.3, p. 575-602, 2014.
- SILVA, L. *Pescadores da Barra do João Pedro, um estudo etnoarqueológico*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2012.
- SILVA, Lucas. Com vento a lagoa vira mar: uma etnoarqueologia da pesca no litoral norte do RS. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, p. 537- 547, maio-ago. 2015.
- SILVA, Lucas. A fluidez das relações materiais. Uma arqueologia com os pés na água. *Revista de Arqueologia - Sociedade de Arqueologia Brasileira*, v.32, n.1, p.108-128, 2019.
- STURT, Fraser. Local Knowledge is Required: a rythmanalytical approach to the Late Mesolithic and Early Neolithic of the East Anglian Fenland, UK. *Journal of Maritime Archeology*, v 1, p. 119-139, 2006.
- VERÍSSIMO, José. *A pesca na Amazônia*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970[1895].
- WAGNER, Gustavo; SILVA, Lucas. Prehistoric maritime domain and Brazilian shellmounds. *Archaeological Discovery*, v. 2, n.1, p. 1-5, jan. 2014.
- WAGNER, Gustavo; SILVA, Lucas. A pesca e o pescador: por uma haliêutica historicizada. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-6, jan.- jun. 2020.
- WAGNER, Gustavo; SILVA, Lucas; HILBERT, Lautaro. O Sambaqui do Recreio: geoarqueologia, ictioarqueologia e etnoarqueologia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 15, n. 2, p. 1-12, 2020.